

AVALIAR/SINALIZAR PRECOCEMENTE

Adriana C.N. Gonçalves*1; Catarina S.V.C. Ferreira1; Nélia C.J.G.M. Mendes1; Maria C.F. Oliveira1; Otilia F. Branco1; Ricardo São João²³⁴⁵

1. Unidade Local de Saúde Médio Tejo, Centro de Desenvolvimento da Criança e do Adolescente, Tomar, Portugal;

2. Instituto Politécnico Santarém, Escola Superior de Gestão e Tecnologia, Departamento de Informática e Métodos Quantitativos, Santarém, Portugal; 3 Investigador Integrado no CEAUL-Centro de Estatística e Aplicações, Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa, Portugal; 4 Colaborador no CIDNUR Centro de Investigação Inovação desenvolvimento em Enfermagem, Escola Superior de Enfermagem de Lisboa, Portugal; 5 Colaborador no Centro de Estudos Globais (CEG-UAb) Universidade Aberta, Portugal

*Autor correspondente – Adriana C.N. Gonçalves, E-mail-adriana.ngoncalves@ulsm.t.min-saude.pt

INTRODUÇÃO

A Perturbação do Espectro do Autismo (PEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por dificuldades na comunicação, interação social e pela presença de comportamentos repetitivos e interesses restritos. Estudos demonstram que a intervenção precoce favorece o desenvolvimento das competências sociais, cognitivas, emocionais e comunicativas, contribuindo para uma maior autonomia e inclusão da criança nos diferentes contextos de vida. O diagnóstico precoce possibilita às famílias uma melhor compreensão da condição e das necessidades específicas da criança.

A Consulta do Autismo da ULS Médio Tejo assenta precisamente nestes pilares: avaliação e diagnóstico precoce, intervenção especializada, acompanhamento contínuo e capacitação das famílias, através de uma resposta integrada, humanizada e baseada na evidência científica.

OBJETIVOS

- Perceber se existem ganhos significativos nas áreas de desenvolvimento avaliadas entre a primeira avaliação e a segunda avaliação.
- Determinar quais as áreas de desenvolvimento que apresentam alterações mais significativas entre o primeiro momento de avaliação e o segundo.
- Compreender se existem diferenças estatisticamente significativas nas áreas de desenvolvimento entre as crianças que realizam a avaliação diagnóstica numa fase mais precoce, definida como consulta atempada (até aos 36 meses de idade), e as que realizam esta primeira avaliação numa fase mais tardia (após os 36 meses).

METODOLOGIA

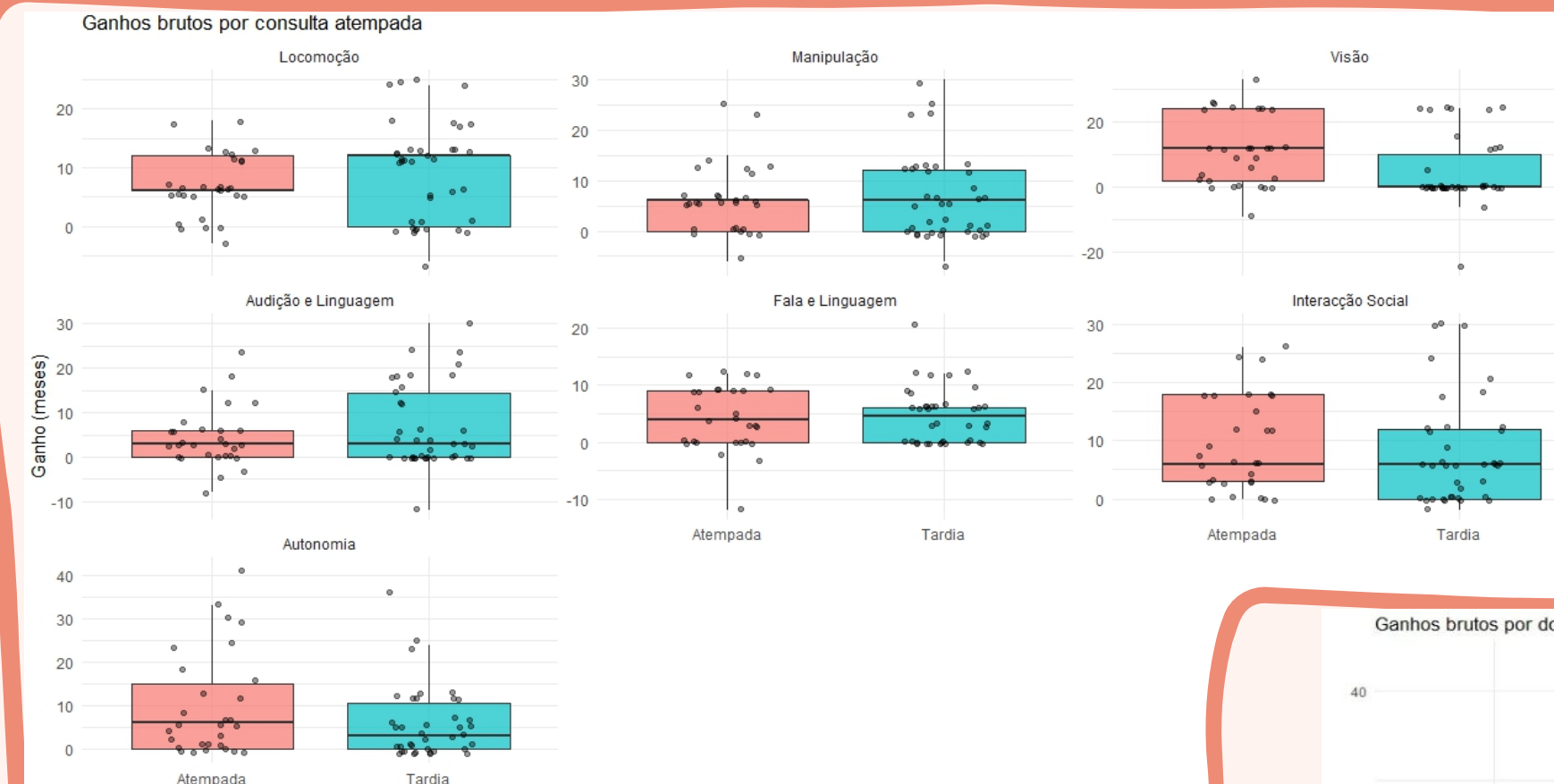
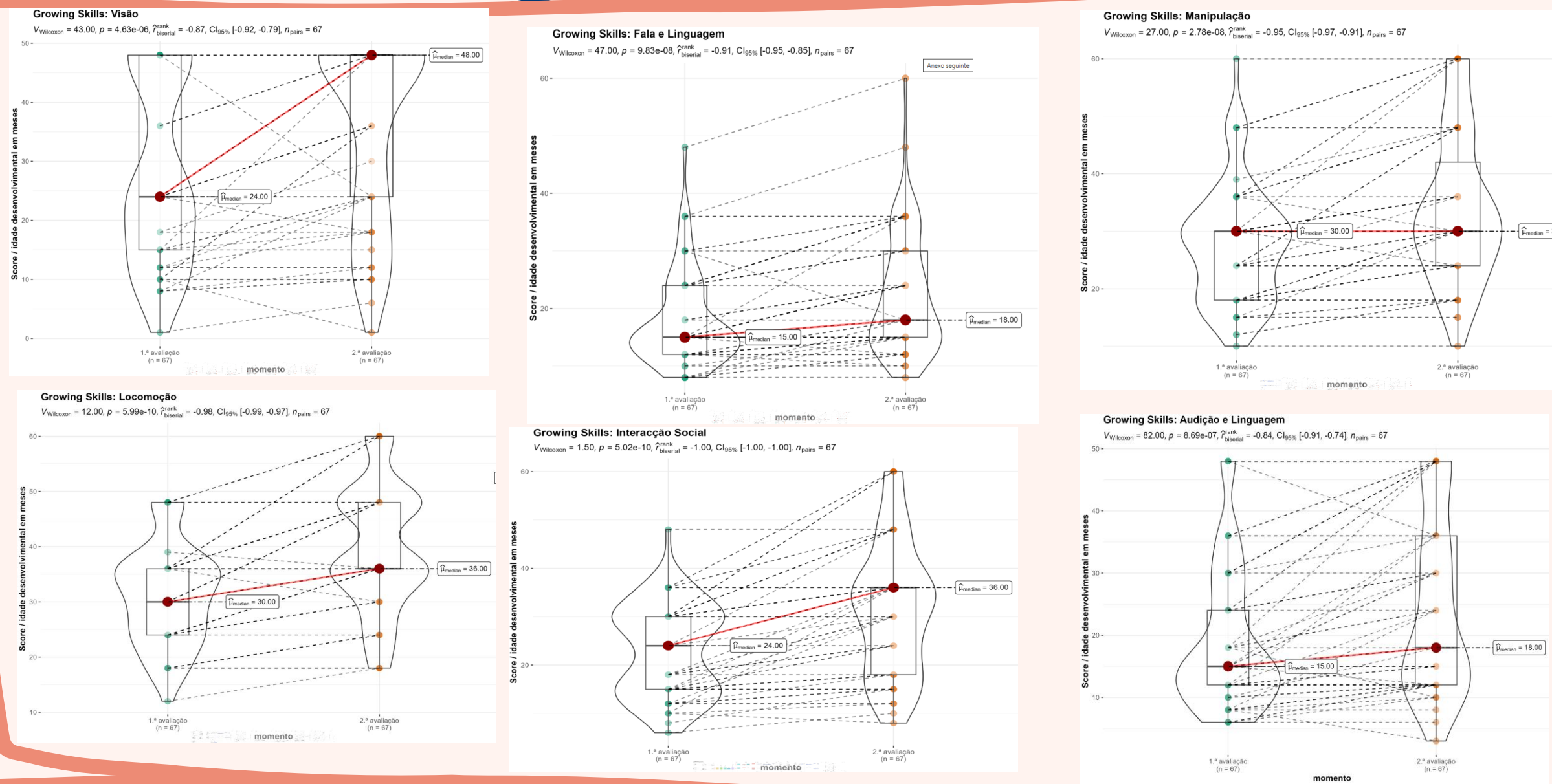
Estudo exploratório, com uma amostra emparelhada, constituída por 67 crianças, maioritariamente do sexo masculino (n = 55; 82,1%), seguidas na consulta de Desenvolvimento/ Autismo da ULSMT.

Foi aplicada a Escala de Avaliação SGS-II, em dois momentos, com intervalo médio entre avaliações de 6/7 meses, com mediana de 7 meses e amplitude entre 3 e 15 meses. Considerou-se como critério de consulta atempada a realização da primeira avaliação até aos 36 meses de idade, 29 crianças (43,3%) foram classificadas como tendo acesso atempado e 38 (56,7%) como tendo acesso tardio. A idade média na primeira avaliação foi de 39,6 meses (mediana = 40; amplitude: 18–60), aumentando para 47,2 meses na segunda avaliação (mediana = 47; amplitude: 26–68). Foi determinado o quociente desenvolvimental e aplicadas várias análises de estatística inferencial. Como suporte para a análise dos dados foi utilizada a linguagem de programação R.

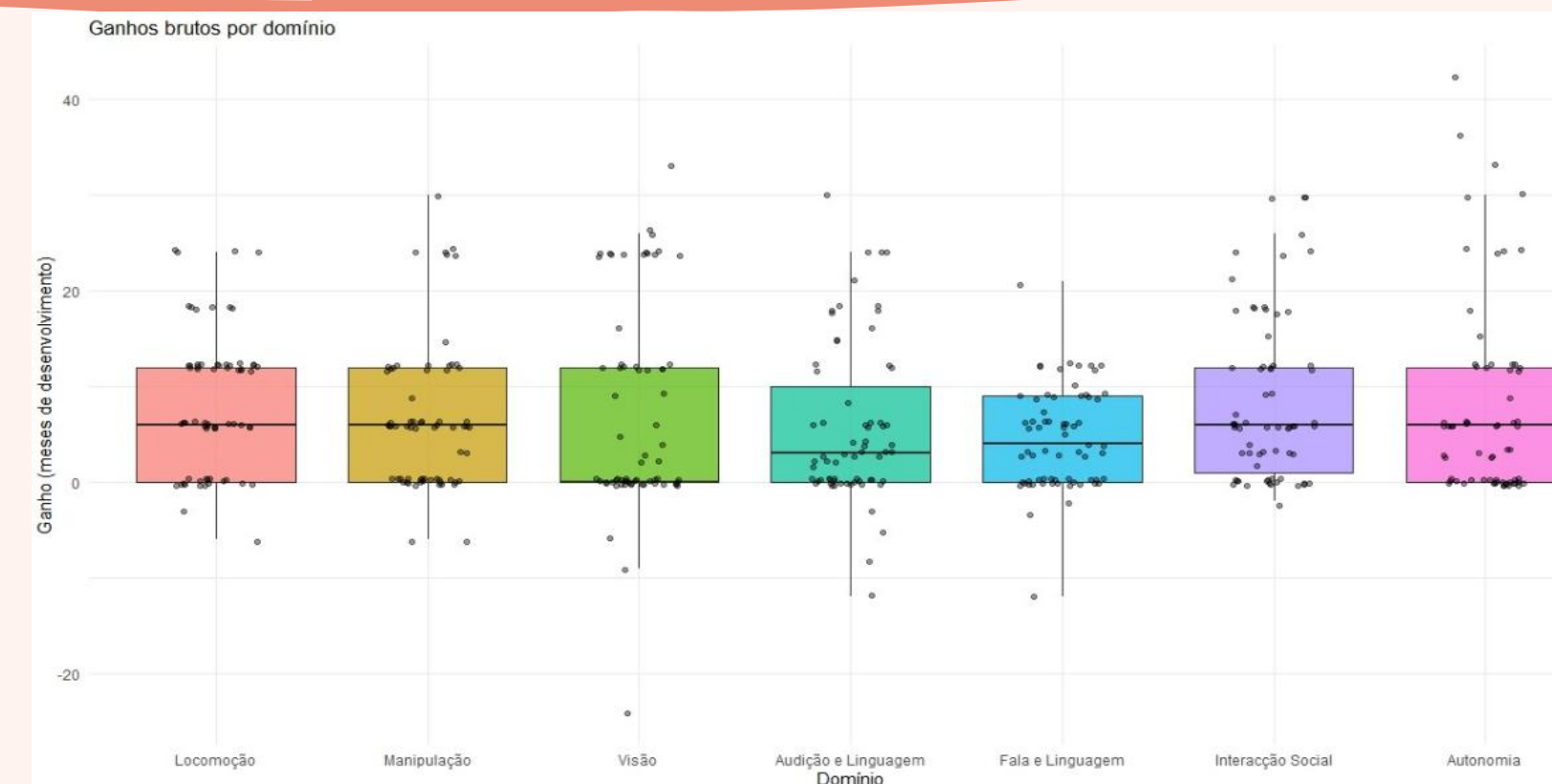
Referências Bibliográficas:

RESULTADOS

Observam-se melhorias entre a 1.^a e a 2.^a avaliação em todos os domínios da escala SGS-II. Os ganhos médios brutos variaram entre +4,49 meses em **Fala e Linguagem** e +8,66 meses em **Interação Social**, destacando-se também aumentos em **Locomoção** (+8,28 meses) e **Autonomia** (+7,70 meses).



As áreas de desenvolvimento onde se verificaram melhorias mais significativas foram a **Interação Social** (+8,16 pontos), **Autonomia** (+6,93) e **Visão** (+5,79). Em contraste, os domínios de **Fala e Linguagem** (+1,05), **Manipulação** (+1,21) e **Audição e Linguagem** (+2,66) apresentaram ganhos mais modestos quando ajustados à idade.



Os testes de Wilcoxon emparelhados evidenciaram diferenças estatisticamente significativas entre momentos em todos os domínios (p ajustado < 0,001), com resultados convergentes nos testes t emparelhados. Os tamanhos de efeito foram moderados a elevados, sugerindo magnitude relevante das diferenças observadas. Contudo, ao considerar o quociente desenvolvimental (i.e., desempenho ajustado à idade cronológica), os ganhos foram mais heterogêneos e globalmente de menor magnitude. Apesar das melhorias encontradas, não se verificaram associações entre a consulta atempada e os ganhos desenvolvimentais.

ANÁLISE & DISCUSSÃO

Os resultados suportam uma **evolução global favorável**. Entre avaliações, observou-se **aumento** do quociente desenvolvimental em todos os domínios, embora com magnitude variável. Os **maiores incrementos** ocorreram em **Interação Social**, **Autonomia** e **Visão**, enquanto Fala e Linguagem, Manipulação e Audição e Linguagem apresentaram ganhos mais discretos. Este padrão sugere que, apesar da evolução global positiva, os ganhos não foram uniformes. As áreas **linguísticas mantiveram maior compromisso relativo**, com quocientes desenvolvimentais mais baixos e menor recuperação proporcional entre avaliações. Já a **Interação Social** e a **Autonomia** evidenciaram uma **melhoria mais expressiva**, podendo representar domínios mais sensíveis à intervenção ou ao acompanhamento clínico neste intervalo. Estes resultados poderão também estar relacionados com o trabalho desenvolvido pela consulta Autismo/Desenvolvimento da ULSMT na **inclusão das crianças para estabelecimentos de ensino**, na **sinalização para as várias Equipas de Intervenção Precoce (ELI)**, promovendo um acompanhamento mais estruturado e integrado das necessidades de desenvolvimento, o mais **próximo possível do seu contexto natural**. Este estudo exploratório respondeu aos objetivos definidos e evidencia a pertinência da Consulta de Autismo/ Desenvolvimento da ULSMT.

CONCLUSÕES, LIMITAÇÕES E FUTURAS LINHAS DE INVESTIGAÇÃO

Os resultados deste estudo evidenciam uma **evolução desenvolvimental** neste grupo de crianças, particularmente nos **domínios da Interação Social e Autonomia**. Contudo, estes resultados devem ser interpretados tendo em consideração algumas limitações do estudo, nomeadamente a existência de apenas dois momentos de avaliação (intervalo de 6/7 meses), a utilização de um único instrumento de medida dos vários domínios do desenvolvimento (SGS-II), e a reduzida amostra que impede a generalização dos resultados. Estas limitações restringem uma análise mais aprofundada das trajetórias desenvolvimentais e da sua variabilidade ao longo do tempo.

Futuros estudos deverão integrar um seguimento longitudinal mais prolongado, múltiplos momentos de avaliação e a correlação entre os diferentes domínios do desenvolvimento e outras escalas, nomeadamente CARS, Vineland e ADOS-2, permitindo uma caracterização mais abrangente e robusta das trajetórias no Autismo. A compreensão da evolução desenvolvimental no Autismo exige uma abordagem multidimensional, que considere não só o momento da identificação, mas também o grau de severidade da PEA, o tipo e frequência das intervenções, o contexto de acompanhamento e as características individuais de cada criança.



Agradecimentos:

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P. no âmbito da Unidade de Investigação CEAUL/UID/0000/2025, DOI: <http://doi.org/10.54499/UID/00006/2025> e pela União Europeia - Next Generation EU UID/PRR/00006/2025, DOI :<http://doi.org/10.54499/UID/00006/2025>



Costa e Silva, M., & Roama-Alves, R. J. (2023). Parenting self-efficacy on autism spectrum disorder context: A literature review. Revista Interamericana de Psicologia, 57(2), e 1741 <https://doi.org/10.30848/ripsy.v57n2.1741>

Morato, A. P., Pereira, A. P. S., & Silva, C. C. B. (2023). Percepções de familiares sobre as práticas de intervenção precoce na infância em um centro especializado de reabilitação. Physis: Revista de Saúde Coletiva, 33(4). <https://doi.org/10.1590/s0136-7331202300070>

Rodrigues, T. S. (2023). Psicologia e primeira infância: Um relato de experiência sobre a intervenção precoce no autismo. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, 1(1), 574–581. <https://doi.org/10.51831/rihace.v1i1.10549>

Trembath, D., Varcin, K., Waddington, H., Sulek, R., Bent, C., Ashburner, J., Eapen, V., Goodall, E., Hudry, K., Roberts, J., Silove, N., & Whitehouse, A. (2023). Non-pharmacological interventions for autistic children: An umbrella review. Autism, 27(2), 1–16. <https://doi.org/10.1177/13623613221118368>